

A CHAVE DAS EPÍGRAFES: NOTAS PARA UM LEITURA DE ROUSSEAU

André Queiroz de Lucena¹

Unifesp - Guarulhos.

Nosso trabalho, uma releitura do artigo "*La Clef épigraphique*", de Daniel Neicken, apresenta uma abordagem do percurso rousseauísta a partir das epígrafes de algumas obras do filósofo. Enquanto Neicken sustenta a análise do homem e da legitimidade política do pacto social na obra de Rousseau a partir das citações de Vírgilio - *Foederis aequas dicamus lege* - e Aristóteles - *Non in depravatis, sed in his quae bene secundum naturam se habent considerandum est quid sit naturale* - constante respectivamente no início do *Discours sur l'origine de l'inégalité* e *Du Contrat Social ou principes du droit politique*, queremos demonstrar que da epígrafe do *Discours sur les sciences et les arts* àquela do *Rousseau, Juge de Jean-Jacques*, encontramos não somente a inscrição da máxima, mas o anúncio de uma carreira intelectual assinalada, simultaneamente, pela herança da tradição clássica e jusnaturalista, a pretensão da sua crítica e a constatação de um estranhamento que faz Rousseau acreditar-se escritor para além do seu século. Assim, procuraremos sustentar que recorrendo ao exame das sentenças presentes nas aberturas dos textos de Rousseau, contemplamos na utilização das epígrafes não somente o mero recurso retórico e decorativo, mas chaves e subsídios fundamentais para compreender o pensamento e a vida do filósofo.

Palavras-chave: Rousseau/ Epígrafe/ Filosofia/ Modernidade

*

A epígrafe, assinala Neicken, é "*a curta sentença, colocada no início de uma obra ou capítulo a fim de assinalar o seu caráter e espírito*"²; definição do significado. Mas cabe, igualmente, assinalar agora o próprio "*espírito*" da epígrafe: ela é uma chave (*cléf*) - daí a feliz expressão do artigo - que possibilita abrir, quase literalmente, o reino das palavras encerradas em um texto. Mas o que diremos nós acerca deste recurso empregado por Rousseau? Afinal, não foram unânimes os seus contemporâneos em denominar a sua expressão como "*majestosa*" e "*cheias de energia*" (Tronchim)³? Kant,

¹ Doutorando em Filosofia pela Unifesp. Este texto é a transcrição de uma comunicação preparada para a VIII Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica, realizada em setembro de 2014, na Unifesp-Guarulhos.

² O artigo de Daniel Neicken, sem outras referências bibliográficas, está disponível no seguinte endereço: <http://rousseaustudies.free.fr/>. Importante indicar que este site, mantido por estudiosos do autor, reúne vasto material para pesquisa sobre a obra do filósofo genebrino.

³ *Le Contrat Social condamne a Genève. Conclusions de M. le procureur général Henri-Robert Tronchin, sur le Contrat social et l'Emile de Rousseau.* (BRISAC, 1896).

pouco depois, não diria ainda que só era possível raciocinar os textos do filósofo de genebra após livrar-se do encanto da sua escrita? Tais constatações podem levar, talvez, o nosso leitor a indagar - porque texto tão belo exige a epígrafe? Por que este espírito enérgico e sedutor sobrepõe sobre suas virtudes o uso - talvez dispensável- de sentenças para dar força à clareza?

Queremos, pois, alertar que à elegância das palavras, não corresponde o espírito do verbo rousseauísta. Aqueles próprios que o louvam não reconhecem que tal majestade esconde um texto difícil, sedicioso, paradoxal? Rousseau, escritor e músico, inimigo das ciências e das artes; ele que "*ateou fogo em muita alma*", observa Fichte, "faz aquilo que ele mesmo censura tão amargamente; suas ações estão em contradição com seus princípios"⁴. Segundo os adversários, "*os leitores do século*"⁵, Beaumont e Gautier como exemplares, não encontra-se na obra sedutora o ataque aos pilares da sociedade e da religião? O "*brilho do estilo*", segundo Bento Prado, não esconderia as contradições do pensamento? Falta de centro, a *bela contradição*, "é o fruto de um descentramento essencial à obra, de uma secreta enfermidade que reproduz, no plano do discurso, a "loucura" do seu autor"⁶.

Somos, aqui, defrontados com duas posições acerca do texto rousseauísta, cujas características devemos demarcar, ainda que de maneira bastante genérica: i. o encanto da sua "*inimitável eloquência*"⁷, modelo da capacidade e do poder comovente da palavra - ii. a dificuldade do pensamento que escapa da evidência dos demais sistemas filosóficos e parece destilar, com toda força e beleza, para os seus leitores "*verdades sublimes e erros perniciosos*", "*liberdade e anarquia*"⁸. Ora, na recepção ambígua desta obra, na qual convivem admiração e repulsa, as epígrafes não ocupariam, porventura, papel estratégico neste esforço retórico, externamente elegante e belo, que anuncia as verdadeiras intenções de Rousseau? A máxima não desempenharia o papel, breve e denso, de assinalar o espírito do texto e o tom das palavras⁹?

⁴ FILHO, 1970, p. 10.

⁵ ROUSSEAU, 1999b, p. 183.

⁶ JÚNIOR, 2008, p. 72.

⁷ ROUSSEAU, p.

⁸ Idem, 1896.

⁹ Importante assinalar aqui que a "*clef*" supõe também uma ideia musical, a saber a clave (chave) de uma composição. Ora, é esta clave que possibilita ao intérprete saber, de antemão, acerca do "espírito" da obra. Com efeito, lembra a "teoria dos afetos" (Rameau, *Traité de l'Harmonie*), uma tonalidade, em clave menor, é referida ao *affectus* melancólico e soturno (Dó Menor, por exemplo); um Fá Maior, por seu turno - assinalado na clave - faz esperar uma melodia de majestade. Fruição, pois, solene e vigorosa, discurso de pesar e angústia, abertos a partir de uma "*clef*".

**

Queremos examinar brevemente uma epígrafe constante no *Discurso sobre as ciências e as artes* e nos *Diálogos*, Rousseau juiz de Jean-Jacques. Desejamos, aliás, de antemão lembrar que temos *uma* mesma epígrafe para *duas* obras. Este procedimento nos parece sugerir, de imediato, não apenas uma intenção retórica, diríamos puramente formal, mas um quê de unidade, consciência clara e plena acerca da eficácia da máxima evocada, para além do elemento estilístico; integrante, por excelência, da própria filosofia anunciada.

Eis a máxima recorrente - *Barbarus hic ego sum quia non intelligi illis* - (Sou bárbaro nesta terra, por isso não serei compreendido) extraída de Ovídio (*Tristes*, V, X). O verso do autor latino integra uma série de elegias compostas no desterro. Mais especificamente, lamenta que ninguém ouve seus "*versos*" e o ridicularizam¹⁰. Esta é, no entanto, apenas a particularidade do canto. O importante é a causa do desterro e a missão que o poeta desterrado julga-se imbuído: ele - asseguram alguns - viu algo digno de censura na grande Roma; desterrado por ter dito alguma verdade, rodeado agora por bárbaros, acredita-se como alguém ainda capaz de conservar a integridade, quando o seu derredor sucumbe a corrupção¹¹. Da citação latina, recorramos ao programa filosófico de Rousseau, "*Ferindo de frente tudo o que constitui, atualmente, a admiração dos homens*", o filósofo, "*não pode esperar senão uma censura universal*"¹². Mas o mesmo prefácio do *Discurso sobre as ciências e as artes*, no qual se inscreve esta máxima de Ovídio, acrescenta, "*por isso já tomei meu partido; não me preocupo com agradar nem aos letrados pretensiosos nem as pessoas da moda [...] quando se quer viver para além do seu século, não se deve escrever para tais leitores*"¹³.

Não seria o caso aqui de elencar os motivos rousseauístas que levam à "*censura universal*". Caberia apenas assinalar o acerto da máxima em reconhecer-se, na frente de um *Discurso* - a primeira obra rousseauísta - no ânimo do seu interior, a orientação, desde o princípio, ao "*estranho*" para o "*além do seu século*". Caso digno de nota,

¹⁰ Ovídio, V, X "Sou um bárbaro nesta terra, por isto não sou compreendido: eles se riem e me desprezam ao ouvir minhas palavras latinas, praguejam e me amaldiçoam....".

¹¹ Idem, V, X "Hordas inumeráveis nos ameaçam por todos os lados e julgam digno viverem de rapina [...] Eles vivem disfarçados entre nós e, quando não infundem medo, impõe o ódio...."

¹² ROUSSEAU, 1999b, p. 183.

¹³ idem, p. 183.

observariam os admiradores da escrita merecedora do louvor universal: o escritor anuncia, desde o começo do seu plano, uma intenção profundamente seletiva. Redige para todos, escreve para poucos. Segui-lo pressupõe uma aceitação generosa no seguimento de um *outro* - tomar, entre nós, na consciência antecipada do "*barbarismo*", deste homem excêntrico, fora do lugar, desterrado, uma chave possível para a leitura do filósofo de genebra.

Sou bárbaro nesta terra, por isso não serei compreendido. Isto nos alerta a epígrafe do primeiro discurso rousseauísta. Contra os benefícios da civilização, contra as ciências e as artes, o filósofo acusa a aparência de "*todas as virtudes, sem que se possua nenhuma delas*"¹⁴; a "*uniformidade desprezível e enganosa... não se ousa mais parecer o que é*"¹⁵. Discordância relacionada ao jogo da aparência de uma sociedade que julga "*dissipar...as trevas nas quais o envolveu a natureza, penetrar em si mesmo para estudar o homem...e seu fim*"¹⁶; ambição de totalidade que, na verdade, é apenas ilusão e vazio. Crítica civilizatória, portanto: as "*maravilhas renovadas há poucas gerações*", não passam de engano.

Mas o que é este *bárbaro nesta terra*? É o estrangeiro que não pode sentir-se reconhecido pelos semelhantes envoltos no espetáculo grandioso e belo que é, na realidade, simulacro e representação. Sua essência, ao menos no que é visível à opinião do outro, é, pois, a estranheza. Paradoxo encarnado, o bárbaro é a imagem do contrário. Opinião adversa, quando ousa escrever, sabe, de antemão, das censuras que lhe são dirigidas. Reconhece, como Rousseau assinala em outro lugar (Carta a Filópolis), que é *excêntrico* que censura nos demais o *absurdo das máximas* dos que se *desviam à força de serem razoáveis*¹⁷. No interior do século de reconciliação entre o homem e a razão esclarecida - é homem fora do rumo, fora do centro, cuja *declamação intemerata* (de exterioridade e forma perturbadora, "*sediciosa*" e sedutora) faz tremer as "*leis de natureza*"¹⁸.

Duas perspectivas podemos extrair aqui - para nossa *orientação filosófica e acadêmica*: a primeira é a do estrangeirismo desta filosofia, encarnada no prefixo *ex*, de

¹⁴ ROUSSEAU, 1999b, p. 192

¹⁵ idem, p. 193.

¹⁶ ibidem, p. 189

¹⁷ ibidem, p.158.

¹⁸ ibidem, p. 159.

importante recorrência no discurso filosófico do autor. Não citamos há pouco a ideia do *excêntrico* que provoca as leis da sociabilidade? Pois, não é, nos afirma o *Contrato Social*, o legislador, esta figura suprema do corpo político, o ser *extraordinário*, fora da ordem, que move, comove, "*ousa empreender a instituição de um povo*"¹⁹? Aqui, a ideia do bárbaro, ou do *ex*, que se coloca fora do que é comum e ordinário, reveste-se de uma positividade notável. É tal estrangeiro - que se reconhece como tal - que é capaz de produzir um discurso esclarecido, preceptor, para além da crença vulgar e das aspirações sofisticadas do século. Reencontremos, com efeito, algumas expressões típicas do nosso filósofo: à crítica das ciências e das artes, "*não se trata dessas sutilezas metafísicas que dominaram todas as partes da literatura e das quais nem sempre são isentos os programas de academia, mas de uma daquelas verdades que importam à felicidade do gênero humano*"²⁰; ao exame da desigualdade entre os homens defende-se "*a causa da humanidade perante os sábios*"²¹.

Consequente a esta postura bárbara podemos extrair uma série de atributos, em maior ou menor grau de veracidade, da filosofia rousseauísta. Colocada, conscientemente, à margem da ordem, Rousseau é o "*anti-iluminista*", "*anti-filósofo*", o inimigo dos círculos esclarecidos. Em outras palavras, seu pensamento tem um caráter *descompromissado* com o outro, ou melhor, a ordem estabelecida. E aqui é preciso notar uma particularidade do discurso: este *descompromisso* com o ordinário, almeja, porém, falar em nome da felicidade, *compromete-se* com a causa do gênero humano. Não nos faz supor o nosso filósofo, em significativo apontamento de reflexão, que parece, igualmente, estrangeira a noção de humanidade para os seus interlocutores modernos?

Por outro lado, nos é dado compreender que tenha encontrado tantas resistências. Se Rousseau opta por um discurso *extraordinário*, fora da ordem, as recepções mais vulgares que recebe são aquelas que, em linhas gerais, ridicularizam o barbarismo deste *selvagem* do século XVIII. Mais ainda, denunciam uma leitura permanecida apenas à margem sedutora das palavras eloquentes, incapaz de compreender o lugar da sua reflexão. Voltaire, em carta de 1755, acerca do *Discurso sobre a origem da desigualdade*, assinalaria: "*Ninguém jamais empregou tanta vivacidade em nos tornar novamente animais: pode-se querer andar com quatro patas,*

¹⁹ ROUSSEAU, 1999a, p. 110.

²⁰ ROUSSEAU, 1999b, p. 183

²¹ idem, p. 51.

quando lemos vossa obra" - enquanto outros confessam a incompreensão do Discurso: "*homem dotado da linguagem da filosofia sem ser realmente filósofo*", assinala Beaumont²².

Tudo isto é, porém, diagnóstico de um aspecto *externo* da filosofia rousseuista: o discurso eloquente e belo, porém rejeitado; a verdade proclamada aos homens, embora extravagante.

Seria o caso de suspeitarmos, por outro lado, de um aspecto (que poderíamos, genericamente) chamar de *interno*. É preciso aqui evocar novamente a epígrafe "*Sou bárbaro nesta terra, por isso não serei compreendido*". Mas atenção - esta epígrafe que citamos há pouco, anúncio do *Discurso sobre as ciências e as artes*, é repetida nos *Diálogos, Rousseau, juiz de Jean-Jacques*, obra densa, de um autor no ocaso de sua vida, perseguido. Podemos supor, quase imediatamente agora, que, sim, esta epígrafe, começo e término do percurso, perfaz uma espécie de arco, no qual a consciência singular do barbarismo - com toda a implicância de sua força de denúncia e estranhamento - inicia e encerra o "*abismo de misérias*"²³ da carreira do nosso filósofo. Tal consciência, tornar-se, então, uma "*Clef épigraphique*" para a compreensão da própria obra do autor.

Mas no interior da escrita, para além da arquitetura estrangeira, censurável beleza, podemos extrair, se dispostos ao autor, outra lição, quase um desafio. Com efeito, aqueles *Diálogos* propõem ao leitor, inserido em um engenhoso debate de justiça - *Rousseau, juiz de Jean-Jacques* - tomar partido contra ou a favor das teses rousseuistas e descobrir, a exemplo do estrangeiro do *Discurso sobre as ciências e as artes*, "*exatamente o contrário do que são*"²⁴, as acusações feitas ao filósofo.

Gostaria, pois, de assinalar o irresistível *tom* de descoberta - presente no início da obra:

- *Que coisas incríveis acabo de descobrir: não me conformo! Não me conformarei jamais! (Je n'en reviens. Je n'en reviens pas!)*²⁵

Esta exclamação inserida no primeiro diálogo, reforça o estranho paradoxo do "*homem abominável*" cujas obras, no entanto, "*entusiasma pelos belos preceitos de*

²² ROUSSEAU, 2006, p. 149.

²³ ROUSSEAU, 1999b, p. 181.

²⁴ idem, p. 193.

²⁵ ROUSSEAU, 1780, p. 21

virtude", e "*elevam a alma e inflamam os corações*"²⁶. Aqui, o problema passa do autor para o leitor. Deve este indagar acerca do inconciliável originário do filósofo-bárbaro, para a sua recepção (interna) histórica, leitora - da crença firme que eles não o entenderão, às conformações variadas - da obra do genebrino, ora porta-voz do romantismo, socialismo, ecologia, totalitarismo. Mas estas conformações tardias parecem anunciar a falha do projeto das epígrafes ao incluir o bárbaro no recinto das ideias catalogadas... Problema para o leitor: no que este tipo de conformação colaboraria para o entendimento da filosofia? Como explicar, por outro lado, esta instabilidade que parece uma coisa e outra, abominável e bela simultaneamente, confundindo e polemizando com seus leitores? *Eles não me entenderão (quia non intelliger illis); não me conformarei jamais! (je n'en reviens pas!)* - insistem as palavras do nosso autor, em sua epígrafe e exclamação. *Compromisso* com uma negatividade pessoal que é, ainda assim, profundamente ativa. Este incômodo, esta arte "*incrível*" que se descobre, conformação pretensa não existente, não seria a característica viva desta filosofia - e das pesquisas em geral - cujo eco de barbarismo nunca se entende em sua totalidade, mas faz-se amar, perturba e deslumbra?

²⁶ Idem, 1780, p. 22.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

NEICKEN, Daniel. "*La Clef épigraphique*", Disponível em : <http://rousseaustudies.free.fr/>. Acesso em 28/10/2012.

FICHTE. *Verificação das afirmações de Rousseau*. Revista Discurso, p. 09-18. tradução Rubens Rodrigues Torres F. Vol. 01, São Paulo, 1970.

PRADO JÚNIOR, Bento. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social, ensaio sobre a origem das línguas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. (Os pensadores).

_____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdade entre os homens, Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Nova Cultural, 1999b.

_____. *Carta a Cristophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Organização José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. *Le Contrat Social condamne a Genève. Conclusions de M. le procureur général Henri-Robert Tronchin, sur le Contrat social et /'Emile de Rousseau*. (BRISAC, 1896).

_____. *Rousseau, Juge de Jean-Jacques*. Bibliothèque de Genève, 1780.